



Revista Brasileira de Enfermagem

ISSN: 0034-7167

reben@abennacional.org.br

Associação Brasileira de Enfermagem
Brasil

Mancia, Joel Rolim; Gastaldo, Denise
Produção e consumo de ciência em um contexto global
Revista Brasileira de Enfermagem, vol. 57, núm. 1, enero-febrero, 2004, pp. 5-6
Associação Brasileira de Enfermagem
Brasília, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=267019638001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

PRODUÇÃO E CONSUMO DE CIÊNCIA EM UM CONTEXTO GLOBAL

Joel Rolim Mancia*
Denise Gastaldo**

Historicamente os enfermeiros brasileiros têm sido influenciados por seus colegas norte-americanos em relação ao que se constitui e como praticar a enfermagem. Este relacionamento começou no início dos anos 20 quando a Fundação Rockefeller enviou enfermeiros americanos ao Brasil (bem como para outros países) com a finalidade de ajudar os brasileiros a estabelecerem um ensino superior de enfermagem. Estes profissionais foram enviados para o Rio de Janeiro - um porto de exportação dos produtos de nosso país para os mercados americano e europeu - para promover melhores padrões de saúde pública^(1,2).

Apesar do decurso de 80 anos, o princípio desse relacionamento permanece o mesmo, embora ele tenha sido afetado pelo movimento atual da globalização. Atualmente os enfermeiros de países de língua inglesa publicam trabalhos que influenciam significativamente as normas e as diretrizes para o nosso desenvolvimento. Este modelo ainda prevalece apesar dos enfermeiros brasileiros contarem com dezenas de revistas de enfermagem, programas de doutorado, há mais de 20 anos, programas de mestrado há mais de 30 anos, freqüentados por enfermeiros de diversos países latino-americanos.

Até hoje a predominância do modelo da enfermagem norte-americana tem impedido trocas frutíferas entre enfermeiros brasileiros e enfermeiros de língua inglesa. Nesse modelo, que espelha os relacionamentos comerciais entre países do primeiro e do terceiro mundo, aqueles enfermeiros são os produtores do conhecimento, ao passo que estes são os seus supostos consumidores⁽³⁾. Quando os enfermeiros brasileiros tentam resistir a este modelo predominante e tentam estabelecer relacionamentos iguais, surge uma série de barreiras sutis, porém eficazes.

A principal barreira é a predominância da língua inglesa no mundo científico. Enquanto espera-se que os enfermeiros brasileiros dominem uma segunda língua para poderem se candidatar a um mestrado (e uma terceira língua para participarem de um programa de doutorado), não se exige que os enfermeiros australianos, neozelandeses, britânicos, canadenses ou norte-americanos demonstrem habilidades em línguas estrangeiras para realizarem um doutorado. Muitas vezes habilidades em línguas estrangeiras nem são consideradas no processo de seleção. O resultado desta política, dada a incapacidade da maioria dos enfermeiros anglófonos para ler em qualquer outro idioma, determina que a única estratégia de disseminação disponível para que os enfermeiros que não utilizam o inglês ultrapassem o papel de consumidores passivos é publicar em inglês. Esta alternativa traz consigo uma série de conseqüências em termos de trajetória profissional e de fundos para pesquisa para os enfermeiros brasileiros.

A fim de promover um papel de produtor do conhecimento internacional, a comunidade acadêmica de enfermagem adotou normas internacionais. Isso significa que é quase obrigatório que os acadêmicos publiquem em revistas e/ou jornais internacionais se eles quiserem progredir em suas carreiras ou competir por fundos para pesquisa. Embora algumas das revistas internacionais estejam localizadas no Brasil e na Ibero-América e sejam publicadas em português ou espanhol, a maioria das revistas internacionais são publicadas em inglês. Ao tentar alcançar o objetivo de publicar em revistas internacionais, os pesquisadores brasileiros enfrentam várias formas de resistência por parte dos periódicos publicados em inglês. Primeiramente, estes periódicos raramente contemplam questões verdadeiramente internacionais (por exemplo, como exercer a enfermagem em países de renda média e baixa) em sua escolha de temas ou de abordagens editoriais. Em outras palavras, o que os acadêmicos consideram periódicos internacionais são, na realidade e freqüentemente, periódicos (enfocando questões relativas a países de alta renda) para falantes da língua inglesa.

Um segundo elemento que reforça nosso papel de consumidor é a expectativa por parte de muitos periódicos publicados em inglês de que as referências sejam publicadas também nessa língua e sejam acessíveis ao público internacional leitor em inglês. Com isso pretende-se que estes periódicos publicados em inglês por editoras poderosas garantam a ampla disseminação de seus trabalhos. Isso também é uma barreira porque o custo proíbe o acesso de muitos pesquisadores brasileiros à variedade de periódicos em língua inglesa. Finalmente, há um limite quanto ao número de artigos "internacionais" que se pode referenciar ao escrever, além do fato dos autores que escrevem em inglês como segunda língua receberem pouco apoio para publicarem os seus originais. E os resenhistas não sugerem alternativas para os problemas lingüísticos ou de conteúdo que eles encontram no artigo ou seus comentários desconsideram o contexto cultural no qual o trabalho foi produzido, da mesma forma os editores esperam uma proficiência lingüística idêntica de todos os autores. Em parte, este problema reflete o menor número de resenhistas internacionais em alguns periódicos, pois a nomeação - para a editoria - de alguns integrantes que falem inglês como segunda língua é uma solução que alguns periódicos adotaram, porém muitas vezes isso pode ser meramente superficial.

Paradoxalmente, nossa experiência coletiva acerca destes mecanismos excludentes internacionais não impede que práticas discriminatórias semelhantes ocorram no Brasil. Devido, em parte, a nossa dimensão territorial continental e à

disparidade no desenvolvimento regional, alguns grupos com a mesma nacionalidade gozam de maiores benefícios enquanto outros enfrentam maiores dificuldades com relação à produção do conhecimento. Este fenômeno produz níveis de exclusão que são ignorados pelos editores internacionais e que ainda não foram enfrentados dentro do país. Por exemplo, a agência de apoio à pesquisa brasileira (CNPq) concedeu incentivos salariais permanentes para enfermeiros-pesquisadores, 80% dos quais estão localizados nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro, sendo que existem outros 24 estados no país⁽⁴⁾. Portanto, os enfermeiros da maioria dos estados enfrentam outra forma de exclusão: precisam lutar para não se tornarem meros consumidores do conhecimento produzido tanto em países de língua inglesa como nos estados da região sudeste do Brasil.

No contexto latino-americano, a enfermagem brasileira tomou a liderança por meio de muitas iniciativas, por exemplo os programas de pós-graduação. Talvez possamos dizer que o Brasil também exerce relações de domínio do mesmo modo como os países ricos fazem no cenário internacional. Mesmo assim, diferentemente do caso desses países, somos o único país da América Latina onde se fala português. Conseqüentemente, somos nós que utilizamos o espanhol como segunda língua para nos comunicarmos com outros latino-americanos.

Quando evitamos reproduzir as relações assimétricas de poder que enfrentamos internacionalmente, impedindo que outros sejam colocados no papel que não queremos para nós mesmos, tomamos algumas iniciativas que acreditamos nos levar a uma maior igualdade científica. Até agora as editoriais dos periódicos brasileiros de enfermagem empreenderam duas atividades: utilizar vários idiomas e uniformizar as normas para elevar a qualidade dos periódicos de enfermagem do Brasil, da América Latina e da Ibero-América.

O primeiro passo foi fazer com que os artigos publicados em todos os periódicos brasileiros de enfermagem incluíssem *abstracts* em três idiomas (português, espanhol e inglês). Em seguida, alguns dos periódicos mais influentes, por exemplo, a Revista Brasileira de Enfermagem (www.abennacional.org.br) e a Revista Latino-Americana de Enfermagem (www.eerp.usp.br/rlaenf), começaram a publicar regularmente artigos completos em inglês ou espanhol.

Para se opor - e para minimizar - à necessidade de ler inglês para ter acesso ao conhecimento científico (uma barreira para a prática evidencial para milhões de enfermeiros ao redor do mundo), um novo periódico que publica exclusivamente em espanhol foi criado recentemente (Revista

Panamericana de Enfermería) no Brasil, que é o atual país-sede da Federação Pan-Americana de Profissionais de Enfermagem (FEPPEN)⁽⁵⁾. O objetivo da revista é disseminar o conhecimento produzido pelos enfermeiros latino-americanos a fim de fortalecer e de promovessem os conhecimentos entre os países desta região.

Em termos de construção de capacidades, os editores brasileiros vêm consolidando uma estratégia nacional através de reuniões regulares para padronizar normas, discutir os desafios atuais e para adaptar os estilos dos periódicos a fim de obter uma indexação internacional⁽⁶⁾. Em nível internacional foi criado em 2003 o Conselho Ibero-Americano de Editores de Periódicos sobre Enfermagem. Os editores se reunirão, bienalmente, para promover estratégias que posicionem os enfermeiros espanhóis, portugueses e latino-americanos como produtores de conhecimento para suas próprias regiões⁽⁵⁾.

Muitos pesquisadores brasileiros são excluídos de participarem do mundo científico internacional e são limitados ao papel de consumidores dos periódicos em língua inglesa. No entanto, as disparidades drásticas dentro do Brasil, também, colocam outros pesquisadores numa posição semelhante em nível nacional; onde ao invés do idioma, barreiras envolvendo o acesso a recursos e à educação excluem muitos enfermeiros-pesquisadores do papel de produtores do conhecimento. Acreditamos que algumas das iniciativas dos pesquisadores e das editoriais latino-americanas poderiam inspirar o mundo inglês, mundo este em que a erudição monolíngüe cria exclusão permitindo que alguns se tornem produtores do conhecimento global enquanto submete outros a serem meros consumidores.

Referências

1. Sauthier J, Barreira IA. As enfermeiras norte-americanas e o ensino de Enfermagem na capital do Brasil: 1921-1931. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro; 1999.
2. Paiva MS, coordenadora. Enfermagem brasileira: contribuição da ABEn. Brasília (DF): ABEn; 1999.
3. Gastaldo D. Caring nursing: politics from the South. Nursing Inquiry 2000 March;7(1):61-71.
4. Mendes IAC, Leite JL, Santos RM, Trevizan MA. Classificação dos pesquisadores/ consultores da área de enfermagem no CNPq: contribuição para um banco de dados. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2003 set/out;56(5):485-90.
5. Mancia JR. Para além das fronteiras: movimento dos editores. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2003 set/out;56(5):473-4.
6. Mancia JR. Comissão editorial CAPES/AABEn: ação coletiva para qualificação dos periódicos de enfermagem. Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília (DF) 2002 jul/ago;55(4):361-2.